

30/09/2019

Existe “Trabalho saudável”?
Reflexões sobre uma mescla de
desiderato, utopia e falácia

René Mendes

[Médico e Professor. Diretor Científico da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Termo à primeira vista agradável, alegre e leve – para não dizer leviano – a conceituação de “trabalho saudável” talvez seja mais complexa e difícil do que o imaginado, posto que cheia de armadilhas, já que o termo encerra, em si mesmo, uma contradição que não é neutra; que parece ter sido intencionalmente construída; tem forte apelo ideológico; e combina valores religiosos, com discursos eufemísticos e alienantes. Assim, num primeiro momento, o termo “trabalho saudável” pode ser entendido de forma literal e acrítica, e sem desconfiança, e então ele significaria o que o filólogo Houaiss ensina em seu Dicionário: **“saudável: o que é bom para saúde, salutar, que beneficia, que é positivo, que é favorável...”**. Pode até ser verdade, e essa mensagem faz parte de ensinamentos religiosos, principalmente cristãos protestantes. Por outra via, esta ideia passou a fazer parte do rol dos “determinantes sociais de saúde”, isto é, dos modelos hegemonicamente adotados e disseminados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Num segundo momento, e vinculado à 1ª Conferência Internacional sobre a Promoção de Saúde, promovida pela OMS e realizada em Ottawa, no Canadá, em novembro de 1986, a ideia de “trabalho saudável” passou a ocupar lugar central nas agendas da “Promoção da Saúde”, da “Promoção da Saúde no Trabalho” e da “Qualidade de Vida no Trabalho”, portanto acompanhada de largo uso e aparente legitimidade. O documento *Carta de Ottawa* resume essa doutrina. Com efeito, a Conferência debateu e a *Carta de Ottawa* sintetizou e enunciou, por exemplo, a ideia de “políticas públicas saudáveis”. Nesse contexto, **saudável significaria favorecedor da saúde, que valoriza a saúde, que leva em conta questões de saúde, que contribui para a saúde**. Saúde como valor e suposta prioridade em decisões técnicas, em decisões políticas e na formulação de políticas públicas. Estimular-se-iam, portanto, decisões e escolhas “saudáveis”. Este é o sentido que os formuladores da *Carta de Ottawa* tentaram dar ao conceito de “saudável” (*healthy*, em inglês). Haveria, por conseguinte, a possibilidade de haver “cidades saudáveis”, “hospitais saudáveis”, “escolas saudáveis”, “edifícios saudáveis”, “organizações de trabalho saudáveis” e, quiçá, “cemitérios saudáveis”... Da Conferência e da *Carta* vêm o entendimento de que *“mudar os modos de vida, de trabalho e de lazer tem um significativo impacto sobre a saúde. Trabalho e lazer deveriam ser fontes de saúde para as pessoas. A organização social do trabalho deveria contribuir para a constituição de uma sociedade mais saudável. A promoção da saúde gera condições de vida e trabalho seguras, estimulantes, satisfatórias e agradáveis.”* (*Carta de Ottawa, 1986* - negritos introduzidos)

Nós mesmos, no passado e em determinado contexto, conceituamos **“Organização / empresa saudável”** de forma um tanto ambiciosa, utilizando o seguinte enunciado:

“... um processo contínuo de melhoria da qualidade de vida no trabalho, da saúde e bem-estar de todos os trabalhadores, através da melhoria do meio físico, psicossocial, organizacional e econômico, e do crescimento e empoderamento pessoal (...). É uma empresa ou organização que se orienta pelo processo de melhoria contínua das condições de saúde e de vida de seus trabalhadores, considerando também, as necessidades de desempenho e competitividade próprias da atividade. Através da efetiva participação dos trabalhadores em todas as fases do processo produtivo, busca a eliminação ou controle dos fatores de risco para a saúde no trabalho, sejam ambientais, econômicos, organizacionais, psicossociais, biológicos, de natureza individual e do meio-ambiente geral, visando o bem estar geral dos trabalhadores.” (Dias & Mendes, 2002 - negritos introduzidos)

Passados 17 anos, e encerrando esta breve reflexão, eu tenderia a *confirmar* esta conceituação – talvez ‘proposta’ e ‘projeto’ - principalmente dos trechos negritados, porém hoje o faria com menos ilusão de que tais prescrições sejam capazes de tornar o trabalho “saudável”, ou “mais saudável”. E o faço agora, questionando, de um lado, os sentidos e significados que o trabalho passou a adquirir na lógica capitalista; de outro, me perguntando sobre a quem serve o discurso (ideologia) do “trabalho saudável”? Não seria uma ‘glorificação’ de conveniência, mantenedora do *status quo* capitalista, inibidora e retardadora de agendas de mudanças estruturais – econômicas e políticas – mais ousadas e profundas? (Gasda, 2011; 2014) Uma forma disfarçada de manter a submissão? Seria o trabalho, aquele que poderá nos tornar mais “saudáveis”? Estas e outras perguntas poderiam fazer parte do rol das grandes *“Perguntas de um trabalhador que lê”*, poema imortal de Bertold Brecht (1898-1956).

Perguntas de um trabalhador que lê (Bertold Brecht – 1935)	
<p>Quem construiu a Tebas de sete portas? Nos livros estão nomes de reis. Arrastaram eles os blocos de pedra? E a Babilônia várias vezes destruída, quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas da Lima dourada moravam os construtores? Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta? A grande Roma está cheia de arcos do triunfo Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os Césares?</p> <p>A decantada Bizâncio tinha somente palácios para os seus habitantes? Mesmo na lendária Atlântida os que se afogavam gritaram por seus escravos na noite em que o mar a tragou.</p>	<p>O jovem Alexandre conquistou a Índia. Sozinho? César bateu os gauleses. Não levava sequer um cozinheiro? Filipe da Espanha chorou, quando sua armada naufragou. Ninguém mais chorou? Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos. Quem venceu além dele? Cada página uma vitória. Quem cozinhou o banquete? A cada dez anos um grande Homem. Quem pagava a conta? Tantas histórias. Tantas questões.</p> <p>***</p> <p>Disponível em https://specpan.files.wordpress.com/2010/03/isp_perguntas-de-um-trabalhador-que-le-outr-2.pdf</p>

Citações

- Dias, EC; Mendes, R. Estratégias de Promoção da Saúde nos Locais de Trabalho. 2002. [Mimeo]
- Gasda, EE. Trabalho e capitalismo global: atualidade da doutrina social da igreja. São Paulo: Paulinas, 2011.
- Gasda, EE. Cristianismo e economia: repensar o trabalho além do capitalismo. São Paulo: Paulinas, 2014.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.